

UM ENSAIO SOBRE A RECEPÇÃO DE ESPARTA NO MANGÁ HOKUTO NO KEN¹

Luis Filipe Bantim de Assumpção²

Resumo: Este artigo é um ensaio³ acerca da recepção da Esparta clássica por meio do mangá *Hokuto no Ken* (pt. *Punho da Estrela do Norte*; in. *Fist of the North Star*), da autoria de Buronson⁴ e Tetsuo Hara. Assim, mobilizamos o referencial teórico de Charles Martindale, dialogando com as percepções de Lorna Hardwick e Anderson Vargas, para sustentarmos a hipótese da recepção da cultura espartana, por meio das (re)leituras de Plutarco, e como esta foi utilizada em *Hokuto no Ken*, na década de 1980. Afinal, como destaca Supawan Supaneedis, os mangás e as animações japonesas desse período ressignificaram a cultura ocidental para enaltecer os feitos

¹ Recebido em 29 de junho de 2023 e aprovado em 19 de janeiro de 2024.

² Doutor em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio de pós-doutorado em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas (PPGLC) da UFRJ. Coordenador local do Doutorado em História da Universidade de Vassouras (Univassouras), em parceria com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Líder do Grupo de Pesquisa Integrada em História, Patrimônio Cultural e Educação (GHiPE/Univassouras); Professor Adjunto II dos cursos de Pedagogia e Direito da Univassouras, Campus Maricá; Supervisor do Observatório da Educação da Univassouras. E-mail: lbantim@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-2031-9441.

³ Em conformidade a Durval Muniz Albuquerque Jr. (2019, p. 16), a escolha de elaborarmos um ensaio reside nas suas possibilidades interpretativas, isto é, partiremos do mangá *Hokuto no Ken* e de nosso conhecimento acerca de Esparta, para desenvolvermos uma percepção alternativa de como esta narrativa gráfica sequencial criou uma recepção da cultura espartana para atender aos interesses de seus autores. Daí, esclarecemos que a leitura de *Hokuto no Ken* nos levou a identificar traços das práticas culturais de Esparta que foram utilizadas em textos e mídias diversas no decorrer do tempo, embora o mangá em questão não mencione diretamente os espartanos.

⁴ Este é o apelido de Yoshiyuki Okamura, cujo significado seria a transliteração da pronúncia japonesa de Bronson, por afirmarem que o roteirista era parecido com o ator Charles Bronson, sobretudo pelo bigode. Como *Hokuto no Ken* é assinado por Buronson, manteremos esse nome ao nos referirmos a Okamura.

e a população do Japão. Logo, a recepção de Esparta era uma forma de enfatizar que o protagonista de Hokuto no Ken detinha atributos físicos e éticos suficientes para suplantar a brutalidade do “país dos demônios” e o seu empenho por formar guerreiros sanguinários, nos moldes da miragem espartana difundida por Plutarco.

Palavras-chave: *Esparta; Recepção; Hokuto no Ken (Punho da Estrela do Norte).*

AN ESSAY ON THE RECEPTION OF SPARTA IN THE MANGA HOKUTO NO KEN

Abstract: *This article intends to carry out an essay on the reception of classical Sparta through the manga Hokuto no Ken (pt. Punho da Estrela do Norte; in. Fist of the North Star), by Buronson and Tetsuo Hara. Thus, we mobilize the theoretical framework of Charles Martindale, dialoguing with the perceptions of Lorna Hardwick and Anderson Vargas to verify the interpretative possibilities of the reception of Spartan culture, through the (re)readings of Plutarch, and how this was used in Hokuto no Ken, in the 1980s. After all, as Supawan Supaneedis points out, the Japanese manga and animations of this period re-signified Western culture to praise Japan's achievements and population. Therefore, the reception of Sparta was a way of emphasizing that the protagonist of Hokuto no Ken had enough physical and ethical attributes to overcome the brutality of the “land of demons” and his commitment to training bloodthirsty warriors, in the mold of the Spartan mirage. spread by Plutarch.*

Keywords: *Sparta; Reception; Hokuto no Ken (Fist of the North Star).*

Introdução

Desde a Antiguidade mediterrânea, Esparta é mencionada nos discursos e nas representações de diversos autores em diferentes períodos, tornando-se um “mito”⁵ no imaginário ocidental até os dias de hoje. A presença desta *pólis* no pensamento ocidental nos aproxima do conceito de “miragem

⁵ Colocamos a palavra “mito” entre aspas, pois a concebemos como algo – seja um acontecimento, ideia, valor ou memória – ligado à tradição ancestral, que não requer uma justificativa científica para ser considerado plausível em uma determinada cultura. Portanto, defendemos que o mito é um mecanismo político-cultural que tem como objetivo promover a identidade étnico-social de um grupo de indivíduos por meio de memórias coletivas que são adaptadas de acordo com o contexto, a fim de justificar os interesses e ações dos membros de uma comunidade.

espartana”, cunhado por François Ollier na década de 1930, que destaca as distorções e invenções sobre Esparta e os espartanos que foram desenvolvidas ao longo do tempo, desde a Antiga Grécia (Hodkinson, 2002a, p. VIII). Embora Ollier tenha levado os pesquisadores a desconfiarem das evidências literárias que abordam a *pólis* espartana, ele nos faz lembrar que a História – enquanto área do conhecimento, disciplina e/ou ciência – é incapaz de tratar do passado em sua totalidade.

Como destaca Jurandir Malerba ao citar Frank Ankersmit, aquilo que apreendemos do “passado” são substâncias narrativas, dotadas de uma estrutura narrativa. No entanto, esta não é plenamente compreendida devido à falta de regras de tradução que nos permita estabelecer uma conexão direta entre o passado e o presente: “[...] correspondências entre o que se passou e as sentenças narrativas propriamente ditas” (Malerba, 2018, p. 153). Ainda com Malerba (2018, p. 153), os historiadores almejam que os seus receptores enxerguem a realidade histórica que os seus textos pretendem representar. Ampliamos os apontamentos de Malerba com Hayden White (2008, p. 11), para quem o conhecimento histórico pretende “explicar” o passado pela combinação entre dados e conceitos teóricos. Considerando a colocação de White e Malerba, a *miragem espartana* está longe de ser um problema acadêmico, afinal, a devida investigação de como Esparta, os seus valores e representações foram criados ou apropriados no decorrer do tempo, demarca as intencionalidades desse processo e nos remete ao conceito de *recepção*, o qual será analisado no próximo tópico, e nos ajuda a fomentar a hipótese da *recepção* da cultura de Esparta no *mangá Hokuto no Ken*, de Buronson e Tetsuo Hara.

Definindo o conceito de *recepção* e o caso de Esparta

Nos dizeres de Charles Martindale (2013, p. 171), a *recepção* é um diálogo que materializa a relação dialógica em uma via bidirecional, tanto para frente quanto para trás, iluminando tanto a Antiguidade quanto a Modernidade. Contudo, esse não é um processo fácil de se controlar, haja vista que não temos como moderar as variáveis e os receptores no processo de *recepção* (Martindale, 2007, p. 297). Martindale nos permite verificar que a *recepção*, enquanto um processo dialético de leitura, interpretação e representação, está longe de ser passiva, afinal, as experiências dos sujeitos impactam na forma como leem os acontecimentos pretéritos e as suas *re-*

cepções na contemporaneidade, criando novas *recepções*. Anderson Vargas (2021) reforça que a *recepção* lida com essas variáveis porque o processo de leitura está longe de ser arbitrário, em virtude da conexão entre a estrutura por meio da qual lemos um texto e pela qual o interpretamos. Em sua análise de Martindale, Vargas (2021) expõe que interpretamos o passado de acordo com as circunstâncias históricas, tornando a leitura de um texto um diálogo através dos tempos.

Esta interação entre as temporalidades demarca que, se pensarmos a Antiguidade mediterrânea, as (re)leituras das culturas, práticas e valores do mundo antigo contribuíram para a nossa percepção e *recepção* de seus acontecimentos. A influência mútua e dialógica presente na leitura de um texto ou na apreciação de uma obra de arte destaca-se pelo fato de sermos impactados pelas visões de mundo que se materializam na escrita, pintura, escultura, arquitetura ou outros artefatos. Ao mesmo tempo, contribuimos para a percepção dessas obras no presente, por meio das representações que projetamos e propagamos sobre elas. É o que Lorna Hardwick (2003, p. 32) chama de “filtro da representação moderna”, que pode ser investigado e contribui para a observação de como as ideias e os textos da Antiguidade foram transmitidos e o percurso de sua aceitação.

Assim, consideramos a *miragem espartana* uma forma de *recepção* da Esparta antiga, a qual vem se dando desde a Antiguidade. Como esse processo é dialógico, os autores do Período Clássico, por exemplo, se utilizaram das experiências que tiveram com a *pólis* espartana – direta e indiretamente – para forjarem uma representação das práticas e características políticas, comunitárias e culturais desta cidade e de seus membros, que correspondesse às demandas do contexto histórico em que se encontravam, visando os receptores de seus escritos. Uma vez que não somos capazes de controlar as leituras realizadas das nossas representações, a *recepção* de Esparta por meio da *miragem* variou no decorrer do tempo e das sociedades que dela se utilizaram, fazendo com que esse procedimento não deixasse de ocorrer, nem nos dias de hoje. Contudo, a *recepção* está longe de ser um ato passivo e desprezioso, posto que a sua construção obedece às demandas espaço-temporais e institucionais de seus respectivos autores.

Portanto, as inúmeras *recepções* de Esparta estão propensas a leituras outras, para além do que fora pensado pelos seus autores e em função das demarcações geográficas para as quais foram elaboradas. Como os histo-

riadores são incapazes de acessar o passado como ele foi, a *recepção* é um recurso para mapearmos os fatores que levaram à representação de uma comunidade do passado por sujeitos e grupos em contextos históricos específicos, nos fornecendo indícios sobre como as sociedades contemporâneas pensam a si próprias, em conformidade à relação que estabelecem com acontecimentos e culturas pretéritas – tal como em *Hokuto no Ken*.

Sobre Esparta, Stephen Hodkinson (2002b, p. 418) pontua que o discurso de Plutarco e as suas representações do comportamento e das práticas culturais espartanas foram os pontos basilares para as imagens que os pensadores ocidentais, da modernidade renascentista aos intelectuais do século XX, edificaram desta *pólis*. César Fornis (2019, p. 134-142) complementa essa perspectiva demonstrando que Plutarco deteve certa preponderância no ideário europeu da Modernidade, embora dividisse esse espaço com outros autores como Platão, Xenofonte e Aristóteles. Entretanto, ousamos dizer que os escritos de Plutarco se basearam em um conjunto de indícios documentais para fundamentar as suas exposições, os quais se constituíram em “modelos de *recepção*”, já no mundo antigo. Retomando Hodkinson (2002b), a obra *Vida de Licurgo* foi tomada como parâmetro para os autores da Europa moderna, ao descrever como o mítico legislador Licurgo organizou Esparta e consolidou a sua *politeia*, sendo esta a principal referência de sua tradição ancestral.

Se adaptarmos a perspectiva de Lorna Hardwick (2003), veremos que Plutarco, tal como os intelectuais modernos e contemporâneos, se utilizou de uma postura dialética e intertextual⁶ junto aos autores que o precederam – tais como Tirteu, Píndaro, Heródoto, Tucídides, Eurípides, Xenofonte, Platão, Aristóteles, Políbio, entre outros – para criar uma *recepção* específica de Esparta, de modo que esta correspondesse aos seus objetivos, enquanto um grego e cidadão do Império romano. Tais indícios manifestam que a *miragem espartana* se iniciou na Antiguidade. Longe de ser um ato

⁶ Como destaca Dominique Maingueneau (2014, p. 288-289), a intertextualidade seria o conjunto de relações implícitas e explícitas que um texto, ou um grupo de textos, mantém com outros. Segundo o autor, a intertextualidade pode ser externa ou interna. No caso de Plutarco, identificamos que existe uma intertextualidade interna, por dialogar com escritos desse campo discursivo, e uma intertextualidade externa, ao interagir com textos de outros campos – como um dos seus discursos biográficos se utilizando de um discurso historiográfico.

passivo, a *recepção* dessa *miragem* acabou por somar e transformar percepções culturais distintas sobre Esparta e, ainda que essas imagens digam muito dos sujeitos que as criaram, também nos fornece indícios de como os espartanos de outrora se permitiram enxergar.

De fato, é comum o uso de Plutarco para construir imagens sobre Esparta na contemporaneidade, visto que este buscava ressaltar a grandiosidade dessa *pólis*, com o objetivo de estabelecer exemplos de conduta ética e cidadania. Como resultado, Plutarco enfatizou a proeminência do legislador mítico de Esparta, contudo, a sua abordagem nas *Vidas Paralelas*, incluindo a *Vida de Licurgo*, deve ser tratada conforme as características próprias dessa obra. Como o próprio nome sugere, o autor estabelecia pares de personagens históricos, um grego e outro romano, para narrar as suas ações em suas respectivas comunidades e, por fim, compará-las. No caso de Licurgo, Plutarco o comparou com Numa, considerado o segundo rei de Roma e o responsável por inúmeras medidas político-institucionais entre os romanos, antes do Período Republicano (Plut. *Num.* 7.1).⁷ A escolha não se deu à revelia, posto que as ações de Licurgo e Numa teriam sido semelhantes, em suas cidades. Feitas as devidas apresentações, Plutarco tecia uma comparação entre as personagens e, nesse caso em particular, Numa foi considerado superior por tornar o seu povo menos propenso à guerra, enquanto Licurgo fez dos espartanos belicosos (Plut. *Comp. Lyc. Num.* 2.2-3).

Essa imagem de Esparta como belicosa, remontando ao seu legislador mítico, dialoga com Aristóteles (*Pol.* 2.1269b 25-35), ao demonstrar que em locais onde prevalece as atividades militares, as mulheres são desregradadas. Anteriormente, Platão (*Leg.* 1.628e-629b, 630d) representou o seu personagem ateniense como um sujeito que via as leis de Esparta idealizadas para atender à guerra. Cada um dos autores citados teve motivações específicas para criar essas imagens dos espartanos. Nesse trecho das *Leis*, por exemplo, as personagens de Platão discutem sobre medidas que os governantes deveriam tomar diante da guerra, seja ela interna, seja ela externa. Já Aristóteles manifesta a sua insatisfação com a posição que as mulheres detinham em Esparta, pois estas eram treinadas fisicamente e não iam à guer-

⁷ Toda a documentação clássica citada neste texto foi abreviada em conformidade ao *Oxford Classical Dictionary*.

ra, tornando essa atitude inútil. O filósofo macedônio também destaca que Licurgo não conseguiu controlar os anseios sexuais das espartanas, as quais eram luxuriosas e detentoras de muitos recursos materiais. Assim, enfatizamos que Aristóteles promoveu representações excessivamente críticas de Esparta, em função da resistência desta *pólis* à hegemonia da Macedônia na Hélade (Lessa; Assumpção, 2017, p. 5). A perspectiva do descomedimento das mulheres espartanas aparece em Eurípides, na figura de Hermione, que convenceu Menelau a viajar à Ftia para assassinar Andrômaca, a concubina de seu marido Neoptólemo (Eur. *Andr.* vv. 39-42, 147-154).

Os exemplos citados versam sobre aspectos da *pólis* de Esparta que embora tomados pela lógica do descomedimento – no discurso de Eurípides e Aristóteles – tiveram um tratamento distinto por outros autores do período Clássico. Dentre eles, Xenofonte (*Lac.* 1.3-4) enaltece os feitos de Licurgo, que ao estabelecer atividades atléticas para as mulheres de Esparta, garantiu que os seus corpos ficassem mais fortes e detivessem condições de suportar o parto e gerar filhos mais robustos.

O contexto histórico de cada um dos pensadores⁸ em questão influenciou diretamente a maneira como criaram as suas *recepções* dos espartanos, as quais dialogavam com aquilo que conheciam de Esparta, ou de outros textos que acessaram durante as suas vidas. Logo, a *recepção* espartana na Antiguidade variou intensamente, contribuindo para que novas percepções se somassem às antigas e, dessa forma, a *miragem* se ampliasse de maneira ativa e intensa – levando-nos a sugerir que Esparta se constituiu em um mito. Em certa medida, Glaydson da Silva (2007, p. 34) nos ajuda a endossar esse posicionamento, para quem o mito seria um somatório de lembranças coletivas que podem organizar uma estrutura étnica e identitária ao

⁸ Se adotarmos um viés cronológico dos autores clássicos citados, Eurípides seria o primeiro, sendo sucedido por Platão e Xenofonte, enquanto Aristóteles viria por último. O tragediógrafo Eurípides teria escrito essa peça em meados da década de 420 a.C., durante a Guerra do Peloponeso, portanto, a sua representação dos costumes espartanos como um desvio à boa-ordem, correspondia ao lugar social que ocupava em Atenas no período em que esta e Esparta lutavam à frente, respectivamente, das Confederações de Delos e do Peloponeso. Os socráticos, Platão e Xenofonte, viveram em um período de desgaste político, social e econômico da Hélade, levando-os a empregar as suas experiências de vida e as suas crenças pessoais como parâmetros para pensarem como uma cidade deveria agir para assegurar o seu equilíbrio e a felicidade de seus cidadãos. Já Aristóteles, como destacado, se insere no período de expansão macedônica na Hélade.

redor de um grupo de pessoas. O que não impede que uma narrativa mítica seja modificada para legitimar interesses e ações, em contextos de transformação. Lorna Hardwick (2016, p. 77) declara que as narrativas míticas da Antiguidade são como condutas entre situações de crise e de transição, servindo tanto para explicar quanto para desafiar os autores e os leitores.

Dito isso, a relação intertextual entre os documentos literários da Antiguidade levou, gradativamente, à criação de um mito de Esparta, o qual mesclava elementos de suas práticas político-culturais com as suas releituras, representações e *recepções*. Como os mitos são maleáveis (Hardwick, 2016, p. 76), vemos que até hoje os espartanos são repensados para corresponderem aos mais variados objetivos, reiterando que a *recepção* está longe de ser um gesto de passividade. Conjeturando César Fornis (2019, p. 289), a maleabilidade do mito espartano torna a sua *recepção* possível em variadas mídias e em função de interesses diversos. Conjeturando César Fornis (2019, p. 289), a maleabilidade do mito espartano torna a sua *recepção* possível em variadas mídias e em função de interesses diversos, uma vez que Esparta se tornou uma marca (a *brand*), cujas características superam o seu nome e a sua historicidade.

Contextualizando o mangá *Hokuto no Ken*

Após discutir o conceito de *recepção* e destacar a influência do discurso de Plutarco nesse processo, principalmente na Europa moderna, percebemos como o mito de Esparta, ou a sua ilusão, continua exercendo força na contemporaneidade. No entanto, os valores e práticas atribuídos à Esparta clássica são moldados para atender aos interesses e às demandas dos autores, de acordo com o contexto histórico e o lugar em que se encontram. Nesse sentido, faremos algumas considerações sobre o que consiste o *mangá*, enquanto arte gráfica sequencial e, em seguida, analisaremos a sua *recepção* em *Hokuto no Ken*.

Ao interagirmos com Waldomiro Vergueiro (2017, p. 119-123), este adverte que devemos ter cuidado ao utilizarmos História em Quadrinhos (HQ) na pesquisa, afinal, alguns rigores são necessários para o seu tratamento como objeto científico. Dentre eles, está o reconhecimento de que nem todos os leitores/receptores da análise sabem da temática da HQ, por vezes levando ao uso de imagens da obra. Paulo Ramos (2016, p. 19-20) destaca que a própria designação de Histórias em Quadrinhos precisa ser

devidamente abordada, pois esta é generalista e empregada para corresponder a uma narrativa gráfica desenvolvida por meio de pequenos quadros. Logo, a HQ seria um hipergênero que abarca todas as demais designações de narrativas gráficas sequenciais em quadros. Considerando que o nosso objeto de análise reside em um *mangá*, ambas as colocações se mostram pertinentes, afinal, o que seria essa mídia?

Adam Kern (2017, p. 107-109) esclarece que o *mangá* é uma mídia híbrida que se utiliza de traços originais da cultura japonesa, mas sem negar as influências que o Japão recebeu do Ocidente, a partir do século XIX. Djota Carvalho (2006, p. 53-55) manifesta que os *mangás* detêm características originais que conservam a sua identidade nacional e, portanto, o seu próprio nome, de modo que se crie uma distinção com as HQs ocidentais. Carvalho (2006, p. 56) cita o respeito aos mais velhos e a valorização do esforço pessoal para se obter alguma coisa como elementos que se fazem presentes em quase todos os *mangás* e podem ser utilizados por pais e professores em suas práticas pedagógicas. Embora as raízes culturais do *mangá* remonte ao início do século XII, com os *Chôjû Giga* (pergaminhos de animais) do abade Toba (SCHODT, 1996, p. 22), a sua preponderância no cenário japonês se deu após a Segunda Guerra Mundial.

Bryan Hartzheim (2015, p. 3) reitera que os *mangás* são destinados a públicos distintos de acordo com o seu gênero e faixa etária, sendo o *shonen* o mais comum e de maior consumo. O *mangá shonen* visa os jovens meninos na faixa etária de 4 a 18 anos, tendo como temáticas recorrentes a ação, a aventura, os esportes, a ficção científica, etc. Hartzheim (2015, p. 8) pontua que no pós-Segunda Guerra, as revistas *shonen* foram as responsáveis por tornarem os jovens leitores japoneses em consumidores, dotados de um interesse literário próprio. Isso foi possível graças ao aumento do poder aquisitivo das famílias japonesas, na década de 1950. Vale destacar que o *mangá Hokuto no Ken* se enquadra na categoria *shonen*, evidenciando os esforços da personagem Kenshiro para sobreviver em um mundo pós-apocalíptico, ao mesmo tempo que combate cenários de injustiça em uma terra arrasada e sem lei.

Ainda assim, a emergência de *mangás* que valorizavam o físico das personagens, além dos seus esforços para superarem dificuldades pessoais e de grupo, em busca de algum tipo de objetivo, se deu somente na década de 1980. Anteriormente, na década de 1950, o enfoque residia nos *mangás* de ficção científica atrelados a robôs. Segundo Frederik Schodt (1988, p. 75-77), o uso de robôs de alta tecnologia dotados de potencialidade suficiente para

salvar o mundo inteiro de grandes calamidades, foi uma resposta do Japão à condição de submissão ao Ocidente, com o fim da Segunda Guerra Mundial. Daí, se os japoneses eram considerados fisicamente menores e fracos, no aspecto intelectual e tecnológico eles superavam a todos os demais povos.

Supawan Supaneedis (2020, p. 5-6) defende que o principal artifício dos *mangás*, enquanto mídia, era se utilizar dos valores ocidentais importados/impostos pelo/ao Japão no pós-guerra para enfatizar as potencialidades da cultura japonesa. Embora Supaneedis considere esta uma postura pós-colonial, nós a identificamos como uma forma específica de *recepção*, cujo objetivo era demonstrar ao Ocidente que o Japão, submetido às determinações estrangeiras, detinha uma identidade e uma cultura singulares, dignas de admiração e valorização. Supaneedis afirma que os japoneses imitaram a arte ocidental como um meio de controlar o significado e o valor do poder colonial do Japão com o Ocidente. Assim, verifica-se a formação de uma nova identidade de resistência, a qual neutraliza a imagem de perdedor dos japoneses (Supaneedis, 2020, p. 6).

Com o desgaste da supremacia ocidental sobre o Japão, devido ao enfraquecimento da Guerra Fria na década de 1980, os japoneses passaram a se apropriar do físico, da aparência e das narrativas do Ocidente para criarem um novo paradigma de personagem, a saber, aqueles dotados de um físico avantajado ou com poderes oriundos de seus corpos e adquiridos por meio de treinamento (Hartzheim, 2015, p. 17). É nesse momento que vemos emergir *mangás* como *Dragon Ball*, *Saint Seiya*, *Jojo's Bizarre Adventure*, *Berserk* e *Hokuto no Ken*.

Como havíamos comentado, *Hokuto no Ken* se passa em um mundo pós-apocalíptico, oriundo de uma guerra nuclear que levou à humanidade a uma situação de caos generalizado pela supremacia da “lei do mais forte”, como critério de sobrevivência. Ainda que poucos humanos tenham sobrevivido, a trama se desenvolve ao redor de Kenshiro, o herdeiro e sucessor do Hokuto Shinken, considerada a arte marcial mais mortal que já existiu. Nos chama a atenção a influência do contexto histórico sobre o desenvolvimento de *Hokuto no Ken*, posto que o seu roteirista Buronson, se baseou no filme *Mad Max* para compor o cenário da trama – como verificado na Imagem 1. De fato, a expressividade deste *mangá* só foi possível devido à arte de Tetsuo Hara, que se baseou no físico de atores como Bruce Lee, Yusaku Matsuda e Sylvester Stallone para desenvolver a aparência de

Kenshiro (Hara, 2021). Outro dado relevante foi o período em que *Hokuto no Ken* foi publicado, ou seja, de 1983 a 1988, momento no qual a aliança política entre os EUA e o Reino Unido, na figura de Ronald Reagan e Margaret Thatcher, lançava incertezas sobre um novo combate armado de proporções mundiais, cujo resultado poderia ser uma guerra nuclear.

Imagem 1 – A semelhança entre Kenshiro e “Mad” Max
(Supaneedis, 2020, p. 54)



Portanto, a referência à *Mad Max*, filme australiano de 1979, que tinha Mel Gibson como “Mad” Max Rockatansky em uma Austrália pós-apocalíptica, serve como um exemplo de *recepção* da cultura ocidental pelos criadores de *Hokuto no Ken* e como denúncia ao poder estadunidense e britânico, haja vista que este poderia desencadear um colapso nuclear de proporções globais. Tanto a roupa de Kenshiro quanto o cenário inóspito e árido do *mangá* remontam à série de filmes da franquia *Mad Max*, dirigida por George Miller (Imagem 1). Esse processo dialético inerente à *recepção* permitiu que a aparência de Kenshiro fosse identificada com *Mad Max*, como também a sua maneira de lutar com Bruce Lee e suas poses de combate em *Enter the Dragon* (1973).⁹

⁹ *Enter the Dragon* (“Operação Dragão”) foi uma coprodução entre os EUA e Hong Kong, sendo responsável por garantir uma fama internacional (póstuma) a Bruce

De todo modo, o comportamento e as feições de Kenshiro, somadas à nacionalidade de *Hokuto no Ken* e ao contexto histórico de sua publicação, reiteram que a *recepção* promovida por Buronson e Tetsuo Hara reinterpretou a identidade e a preponderância japonesa, diante de seu público-alvo – os jovens do Japão. Ainda que não saibamos efetivamente onde *Hokuto no Ken* se passa, as características pessoais de Kenshiro, a sua lealdade com os amigos e o seu esforço por assegurar a paz em um mundo pós-apocalíptico seriam um exemplo para o público *shonen* no decorrer da década de 1980. Mas, qual seria a relação de *Hokuto no Ken* e Esparta? Ou melhor, como o *mangá* em questão promoveu uma *recepção* das práticas culturais espartanas?

Em suma, reiteramos a hipótese de que Buronson e Tetsuo Hara tomaram conhecimento da *miragem espartana*, oriunda de Plutarco e veiculada pelos autores europeus no decorrer dos séculos, com a supremacia ocidental no Japão, após a Segunda Guerra Mundial. Assim, estes criaram uma *recepção* de Esparta para edificar um local onde a brutalidade de suas práticas pedagógicas gerava guerreiros desumanos, justificando a existência de um protagonista dotado de força suficiente para restabelecer a ordem em meio ao caos, tal como os japoneses se enxergavam nesse período.

A recepção de Esparta em *Hokuto no Ken*

Hokuto no Ken é um *mangá* com proporções consideráveis, haja vista que foi publicado por quase seis anos, com periodicidade semanal.¹⁰ O arco que analisaremos é o do “país dos demônios”, no qual a personagem principal (Kenshiro) descobre as suas origens. No início do capítulo 161, intitulado “Uma besta perigosa!”, vemos a personagem Falco¹¹ e a sua companheira, Myu, observando o único mar que sobreviveu à guerra nuclear que devastou o planeta, e que serve de cenário para toda a narrativa de *Hokuto no Ken*. Falco declara que, em retribuição a Kenshiro, atravessará o “Único mar da morte que sobrou no mundo” (Buronson; Hara, 2022, p. 5), para

Lee. Daí este filme ser inserido na perspectiva de parte dos exemplos ocidentais tomados por Buronson e Hara.

¹⁰ No Brasil, *Hokuto no Ken* foi publicado pela Editora JBC, de 2020 a março de 2023.

¹¹ Falco é o mestre do estilo Gento ko Ken e se tornou aliado de Kenshiro com o término do arco anterior – do “Imperador Celestial”.

ajudar o protagonista a salvar a jovem Lin¹² que fora levada pelo vilão Jask para o “país dos demônios”.

Myu questiona Falco sobre o que existe para além do mar da morte, e este afirma: “Um país de demônios que amam a carnificina”, e completa “Uma terra regida pelas armas!” (Buronson; Hara, 2022, p. 6). Essa afirmação se torna relevante ao nosso propósito, em função do que vemos em seguida na Imagem 2:

Imagem 2 – Silhueta dos “demônios” treinados para as armas
(Buronson; Hara, 2022, p. 7)



Ao afirmar que os jovens do “país dos demônios”, a partir dos 15 anos, são submetidos a lutas de vida ou morte para serem reconhecidos como adultos, identificamos um traço da representação de Plutarco acerca da *paideia* de Esparta. Na *Vida de Licurgo* (16.4, 6), o autor beócio destaca que os jovens espartanos que sobreviveram à inspeção de seus corpos ao nascerem, eram separados de suas famílias aos 7 anos para serem treinados pela *pólis*. E reforça que estes jovens aprendiam a ler e a escrever o suficiente, afinal, o seu treinamento se destinava a fazê-los obedecer adequadamente aos comandos recebidos, a resistirem às adversidades e a conquistarem em batalha. Embora haja uma diferença de idade entre os espartanos que iniciavam o seu treinamento de guerra e aqueles citados por Falco, a rigi-

¹² Lin é uma personagem que acompanha Kenshiro desde o primeiro arco do mangá, se desenvolvendo da condição de criança muda e indefesa para líder de um exército revolucionário que pretende libertar o mundo da violência e da injustiça, em nome de Hokuto, que aqui se refere ao próprio Kenshiro. No arco do “Imperador Celestial”, é descoberto que Lin detém o sangue real da linhagem Celestial e, por isso, ela é sequestrada e conduzida por Jask para o “país dos demônios”.

dez do preparo físico e a possibilidade de os jovens morrerem aproxima a Esparta de Plutarco do “país dos demônios” de *Hokuto no Ken*.

Segundo Plutarco (*Lyc.* 16.6), aos 12 anos os jovens espartanos eram privados de todos os tipos de amenidades, a sua carga de treinamento aumentava e eram acostumados a permanecer descalços a maior parte do tempo, dispensando os cuidados com a aparência. Aqui Plutarco se utiliza de Xenofonte (*Lac.* 2.3-5) como o seu intertexto, embora para este último a formação pedagógica de Esparta estava interessada em formar os melhores cidadãos da Hélade.¹³ Por sua vez, no autor beócio vemos a ênfase dada ao preparo físico em prol do combate e da seleção do mais forte, demarcando a *recepção* que realizou de Xenofonte e nos levando a dialogar com *Hokuto no Ken*. Esse ponto converge com o furto de alimentos pelos jovens espartanos, visando complementar a quantidade de alimentos que recebiam.

Xenofonte (*Lac.* 2.6-8) esclarece que o furto não é algo benéfico e justifica que este costume foi instituído para que o jovem interessado em conseguir mais comida, passasse o dia criando artifícios e meios de consegui-la sem ser pego. Caso este sujeito fosse visto, ele seria castigado por ter agido de maneira ineficiente, posto que estavam sendo preparados para a guerra. Xenofonte (*Lac.* 2.9) cita o ritual de Orthia, no qual os jovens deveriam pegar queijos no altar da deusa, sendo este protegido por outros portando chicotes (Assumpção, 2012, p. 54-57). Logo, o autor demonstra que um pequeno momento de sofrimento (por serem açoitados) poderia assegurar fama e felicidade duradouras. Já Plutarco (*Lyc.* 17.3-4) argumenta que os jovens capturados em suas tentativas de furtar alimento eram severamente açoitados e deveriam passar fome. Outro ponto distinto entre os autores é que o beócio destaca que, no ritual de Orthia, os jovens poderiam ser açoitados até a morte (Plut. *Lyc.* 18.1).

A *recepção* que Plutarco cria de Xenofonte incrementa o mito de Esparta e a *miragem* de que esta cidade produzia seres brutais e propensos à guerra. Se compararmos os trechos citados de Xenofonte e Plutarco, verificaremos que os jovens espartanos deste último estavam mais propensos a morrerem pela crueldade e os castigos inerentes à sua formação, aproximando esta

¹³ O autor (2021) sugere que Xenofonte estivesse defendendo que Esparta formava os melhores cidadãos porque estes eram semelhantes a Sócrates.

representação de Esparta dos dizeres da Imagem 2, sobre a sobrevivência de apenas 1% dos jovens do “país dos demônios”.

Novamente, temos um trecho que fomenta a ideia de uma *recepção* de Plutarco em *Hokuto no Ken*, o qual se refere ao isolamento do “país dos demônios”, como vemos na afirmação de Falco, na Imagem 3.

Imagem 3 – O isolamento geográfico e a proibição de estrangeiros
(Buronson; Hara, 2022, p. 7)



Plutarco (*Lyc.* 27.3-4) declara que Licurgo não permitiu que os cidadãos de Esparta permanecessem muito tempo em terras estrangeiras e nem que pessoas de fora continuassem no território espartano sem um motivo útil. Tais atitudes impediam que a população de Esparta imitasse os costumes de povos sem treinamento e sob outras formas de governo, afinal, as ideias e os valores vindos de outros lugares poderiam acabar com a ordem política espartana. Licurgo, nas palavras de Plutarco (*Lyc.* 27.4), acreditava que “[...] era melhor proteger a cidade para que não fosse vítima de orpos molestos e infecciosos vindos de fora”.¹⁴ Plutarco desenvolve uma

¹⁴ διὸ μᾶλλον ὤρετο χρῆναι φυλάττειν τὴν πόλιν ὅπως ἡθῶν οὐκ ἀναπλησθήσεται πονηρῶν ἢ σωμάτων νοσερῶν ἐξωθεν ἐπεισιόντων.

interpretação e cria uma representação do isolamento de Esparta, a partir de Tucídides (2.39.1), que, por meio de Péricles, afirma que os espartanos mantêm a sua cidade isolada, com medo de que os inimigos possam lhes tomar vantagens, fazendo com que agissem secretamente e por meio da enganação. A afirmação de Falco, na Imagem 3, nos permite aproximar *Hokuto no Ken* da *miragem espartana* que se desenvolveu ainda na Antiguidade, posto que o “país dos demônios” foi caracterizado como brutal e isolado daquilo que sobrou do mundo e, em certa medida, se assemelha à forma como a cultura espartana é apresentada em materiais didáticos do Ensino Básico brasileiro até hoje (Assumpção; Campos, 2020, p. 80-81).

Seguindo essa perspectiva do isolamento e da formação de guerreiros exemplares no “país dos demônios”, quando Kenshiro toma o navio do capitão Akashachi para que este o conduza ao local para onde Falco partiu, o capitão afirma que o protagonista está “[...] indo pro inferno!” (Buronson; Hara, 2022, p. 26). Tal assertiva se deu pelas experiências do comandante ao tentar invadir o “país dos demônios” em busca de novas terras, declarando a Kenshiro que “Tempos atrás eu invadi aquele país com mais cem soldados [...]. Mas foi uma carnificina sem igual. Fomos derrotados por um único inimigo!” (Buronson; Hara, 2022, p. 35). Na Imagem 4, vemos quem causou a derrota de Akashachi e os seus homens, isto é, um jovem em treinamento com aproximadamente 15 anos. Portanto, o isolamento geográfico do “país dos demônios” permitiu que o seu governo desenvolvesse os seus valores e a sua tradição sem a interferência de culturas externas. Estas até poderiam tentar uma aproximação, mas, como eram consideradas uma ameaça, era comum que os estrangeiros fossem mortos. A lógica do jovem assassinando invasores como parte de seu treinamento nos remete à *krypteía* espartana, citada por Plutarco.

Imagem 4 – O jovem que atacou Akashachi e os seus homens
(Buronson; Hara, 2022, p. 36)



O autor beócio aponta que, de tempos em tempos, os magistrados enviavam jovens guerreiros para o campo, equipados somente com uma adaga e alguns suprimentos. Estes permaneciam escondidos durante o dia, mas, quando a noite caía, desciam para as estradas e matavam quantos hilotas pudessem capturar (Plut. *Lyc.* 28.1-2). Plutarco afirma que Platão (*Leg.* 633b-c) e Aristóteles¹⁵ trataram da *krypteia*, demonstrando que o beócio desenvolveu uma *recepção* dos autores do Período Clássico, para enaltecer e/ou criticar as medidas espartanas atribuídas a Licurgo. Em Platão, o espartano Megilo não menciona o assassinato de hilotas, mas destaca que esse era um treinamento de resistência realizado sem o auxílio de ajudantes, devendo percorrer todo o campo de noite e de dia. Considerando que os hilotas eram servos da *pólis* designados aos cidadãos e com os quais criavam vínculos pessoais, é possível que os ajudantes citados por Megilo fossem desse segmento social.

¹⁵ Fragmento retirado de um excerto de Heráclides Lembos (Cooley, 2017, D43).

Nesse contexto, podemos esclarecer que os hilotas não formavam um grupo homogêneo de pessoas, e que embora detivessem uma condição semelhante ao escravizado, aqueles que viviam na residência dos espartanos criavam laços de proximidade com o seu senhor e a sua família (Assumpção, 2013, p. 102-105). Possivelmente, como havíamos demarcado em outra ocasião (Assumpção, 2013, p. 103-104), os hilotas que eram alvo da *krypteia* de Plutarco viviam em propriedades agrícolas de Esparta e, pela distância física com os seus senhores e o centro de poder político da *pólis*, estariam mais propensos a se rebelarem. Logo, a *krypteia* seria um instrumento de controle de dissensões internas em toda a região da Lacedemônia,¹⁶ a qual esteve sob o controle de Esparta até 371 a.C., quando os espartanos foram derrotados pelos tebanos em Leuctra.

Tomando Platão como referencial, a *krypteia* foi um instrumento *poliade* interessado em garantir que nenhuma revolta, ou invasão, ocorresse nas regiões fronteiriças ou em áreas de campo, das quais Esparta retirava a sua produção agrícola. Embora a ideia de que os hilotas fossem uma constante ameaça aos cidadãos de Esparta tenha se desenvolvido na historiografia, com base em Tucídides (1.101; 3.54.4-5), o mais provável era de que esses escravos *poliades* desenvolviam laços de lealdade com os espartanos, chegando a receber “privilégios” por bons serviços e reforçando a lógica de poder entre os segmentos sociais que integravam esta *pólis* (Kennell, 1995, p. 86; Birgalias, 2002, p. 256-258).

Como *Hokuto no Ken* elaborou uma *recepção* dos escritos de Plutarco sobre Esparta, o empenho era criar um cenário que se adequasse à lógica de um ambiente desumano e hostil. Nesse caso, o jovem que vemos na Imagem 4 e que dizimou o exército do capitão Akashachi, deveria garantir que o “país dos demônios” não fosse invadido. A caracterização de Akashachi é a de um líder pirata que sobrevive por meio da pilhagem, em um mundo sem lei e de poucos recursos. Daí que a figura do jovem guerreiro se aproximaria dos espartanos em processo de formação que não somente eram treinados para se tornarem os melhores guerreiros da Hélade, como também matavam inimigos em potencial para colocar em prática as suas técnicas de combate.

¹⁶ Destaca-se que a Lacedemônia englobava a Lakoniké – área que se estendia do sul da Arcádia, passando pelo vale do Eurotas, entre os montes Parnon e Taigeto, até os cabos Malea e Tenaro – e a Messênia, conquistada com a Segunda Guerra Messênia e que se iniciava no sul de Elis até o cabo Akritas, englobando a cidadela do monte Itome (Assumpção, 2013, p. 102).

Conjecturando Platão, Aristóteles e Plutarco, se a *krypteia* era um treinamento físico realizado em Esparta, cuja brutalidade impedia que a desordem chegasse à *pólis*, então, a matança promovida pelo jovem da Imagem 4 foi mais uma *recepção* desta prática espartana em *Hokuto no Ken*.

Existem muitos outros exemplos que validam a *recepção* de Esparta em *Hokuto no Ken*, porém, em função das limitações deste artigo, iremos discutir apenas mais uma. No início do capítulo 165, intitulado “Aqueles que devoram a morte!”, Lin é acordada ao pressentir a morte de Falco, em seguida um pária – possivelmente, a representação de um hilota – entra no local onde a personagem se encontra trancada e pede que ela limpe o rosto com um pano e penteie o cabelo. Em seguida, Lin e o pária se encontram diante de uma arena de batalha onde dois guerreiros se enfrentam, diante de uma multidão. O pária esclarece que estes lutadores são demônios e, por isso, tinham um nome. Estes estavam sob a liderança do general de distrito Kaizer, o qual informa que Lin será entregue ao vencedor da batalha (Buronson; Hara, 2022, p. 94-101), como vemos na Imagem 5.

Imagem 5 – Lin seria um prêmio em disputa
(Buronson; Hara, 2022, p. 101)



O trecho descrito em conformidade à Imagem 5 nos remete a Plutarco (*Lyc.* 15.3) ao descrever que as mulheres em Esparta eram levadas à força para contraírem matrimônio. Esse é o complemento do relato de Plutarco acerca da procriação (*Lyc.* 14.2-3), o qual se baseou em Xenofonte (*Lac.* 1.3-6), ao esclarecer que as medidas de Licurgo para com o corpo das mulheres visavam à geração de filhos robustos e saudáveis. Ainda que o enfoque de Plutarco fosse delinear Esparta como uma *pólis* exemplar, em função das ações de seu mítico legislador, as suas colocações devem ser tomadas em conjunto aos objetivos das *Vidas Paralelas*. Nesse contexto, as práticas espartanas eram paradigmas de uma cidade empenhada com a formação para a guerra, algo que se mostra semelhante ao “país dos demônios” de *Hokuto no Ken*.

A preocupação em formar guerreiros exemplares e com uma compleição física adequada se baseia na expectativa de que estes tenham condições de sobreviver aos testes inerentes à sua formação pedagógica. Considerando que são poucas as mulheres que aparecem no “país dos demônios”, é possível que pela aparência de Lin esta tenha sido reconhecida como alguém de uma boa extirpe e, portanto, capaz de gerar um futuro “demônio”.

Conclusão

Diante do exposto, notamos que Esparta se tornou um paradigma global, considerando as influências colonialistas do Ocidente. Contudo, o que conhecemos dos costumes espartanos se insere na perspectiva de uma *miragem*, cuja adaptação e difusão erigiram um mito de cunho identitário acerca dessa *pólis*, no decorrer dos séculos. Por exemplo, as representações de Esparta na contemporaneidade ora elogiam seu compromisso com a tradição ancestral, ora a destacam como um exemplo de comunidade militarizada e brutal. Ainda que esses exemplos tenham servido a diversas finalidades – tal como a batalha das Termópilas em *Os 300 de Esparta*, de Frank Miller, e o elogio aos *marines* norte-americanos (Assumpção, 2020, p. 56-57) – em *Hokuto no Ken*, a sua *recepção* endossa a criação de uma narrativa sobre um território, cuja única importância era matar ou morrer. Tal caracterização merece destaque, visto que o mundo em *Hokuto no Ken* vive a barbárie, inerente ao colapso da ideia de civilização (ocidental).

Dessa maneira, Buronson e Tetsuo Hara tomaram as práticas culturais de Esparta em conformidade aos escritos de Plutarco, os quais foram desenvolvidos por meio de uma intertextualidade específica, cujos objetivos

já edificaram uma *recepção* da *pólis* espartana como estritamente guerreira. Logo, o mito de Esparta serviu aos interesses de *Hokuto no Ken*, embora essa correlação não seja naturalmente perceptível para a maioria dos leitores da obra de Buronson e Hara. Com isso, a *recepção* dos escritos de Plutarco no Japão da década de 1980 legitimou a ideia de que os espartanos eram guerreiros brutais, cujo isolacionismo visava à conservação de sua tradição ancestral e da manutenção de sua estrutura de poder. O que não significa que Buronson e Hara enxergassem a cultura espartana desta forma, e sim que o seu ímpeto criativo mobilizou a *miragem espartana* para atender às demandas editoriais de seu tempo, cujo resultado foi lucrativo e, até hoje, rende inúmeros fãs ao redor do mundo. No que tange à Esparta, o estudo da sua *recepção* é um campo academicamente relevante, afinal, todos os dias novas mídias e formas de entretenimento mobilizam o paradigmático comportamento espartano como sinônimo de dedicação, esforço e competência – muito embora saibamos que este integre um mito que tem sido recorrentemente revisitado e aprimorado.

Documentação escrita

- ARISTOTLE. *Politics*. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1944.
- BURONSON; HARA, Tetsuo. *Hokuto no Ken*. v. 13. São Paulo: Editora JBC, 2022.
- COOLEY, M. G. L. (Ed.). *Sparta*. LACTOR 21. London: The London Association of Classical Teachers, 2017.
- EURIPIDES. *Electra, Orestes, Iphigeneia in Taurica, Andromache, Cyclops*. Translated by A. Way. London: William Heinemann Ltd., 1929.
- PLATO. *Laws*. Books 1-6. Translated by R.G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- PLUTARCH. *Lives*. v. 1. Translated by B. Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Books 1-2. Translated by C. F. Smith. Cambridge: Harvard University Press, 1929.
- _____. *History of the Peloponnesian War*. Books 3-4. Translated by C. F. Smith. Cambridge: Harvard University Press, 1930.
- XENOPHON. *Scripta Minora*. Translated by E.C. Marchant. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de. O cotidiano dos cidadãos lacedemônios: os *habitus* alimentares na Esparta clássica. In: BAKOS, Margaret Marchiori; SILVEIRA, Eliana Ávila (orgs.). *Vida, cotidiano e morte: estudos sobre o Oriente Antigo e a Idade Média*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012. p. 52-58.
- _____. As relações de poder na pólis de Esparta através dos escritos do período clássico. In: CAMPOS, Carlos Eduardo; BIRRO, Renan (orgs.). *Relações de poder: da Antiguidade ao Medievo*. Vitória/ES: DLL/UFES, 2013. p. 83-112.
- _____. A HQ “Os 300 de Esparta” e o Ensino de História – Considerações, ideias e alternativas. In: BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo; BORGES, Airan (orgs.). *Ensino de História Antiga*. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020. p. 50-61.
- _____.; CAMPOS, Carlos Eduardo. O livro didático e o ensino de História Antiga – desafios no presente e problemas do passado. *Perspectivas e Diálogos – Revista de História Social e Práticas de Ensino*, v.2, n.6, p. 66-87, jul./dez, 2020.
- _____. Os elementos socráticos da *Constituição dos Lacedemônios* de Xenofonte. *Calíope – Presença Clássica*, n. 41, v. 1, p. 46-85, 2021.
- BIRGALLIAS, Nikos. *Helotage and Spartan Social Organization*. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (eds.). *Sparta: Beyond the Mirage*. Swansea: The Classical Press of Wales/Duckworth, 2002. p. 249-266.
- CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. São Paulo: Papyrus Editora, 2006.
- FORNIS, César. *El mito de Esparta: Un itinerario por la cultura occidental*. Madrid: Alianza editorial, 2019.
- HARA, Tetsuo. Tetsuo Hara On ‘Fist Of The North Star’ And His Enduring Love Of Manga. [Entrevista concedida a] Ollie Barder. *Forbes*, Jun. 17, 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/olliebarder/2021/06/17/tetsuo-hara-on-fist-of-the-north-star-and-his-enduring-love-of-manga/?sh=8d6b89f5debd>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Cambridge: Oxford University Press, 2003.
- _____. Translating Myths, Translating Fictions. In: McCONNELL, Justine;

- HALL, Edith (eds.). *Ancient Greek Myth in World Fiction since 1989*. London: Bloomsbury, 2016. p. 75-90.
- HARTZHEIM, Bryan Hikari. Training Grounds: Postwar Manga Magazines and Shueisha's Weekly Shonen Jump. *Reitaku Review*, 21, p. 3-22, 2015.
- HODKINSON, Stephen. Introduction. In: POWELL, Anton; HODKINSON, Stephen (eds.). *Sparta: Beyond the Mirage*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2002a. p. vii-xx.
- _____. Five words that shook the world: Plutarch, Lykourgos 16 and appropriations of Spartan communal property ownership in Eighteenth century France. In: BIRGALIAS, Nikos; BURASELIS, Kostas; CARTLEDGE, Paul (eds.). *The contribution of ancient Sparta to political thought and practice*. Pyrgos: International Institute of Ancient Hellenic History, 2002. p. 417-432.
- KENNEL, Nigel M. *The Gymnasium of Virtue: Education and Culture in Ancient Sparta*. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 1995.
- KERN, Adam L. East Asian Comix: Intermingling Japanese Manga and Euro-American Comics. In: BRAMLETT, Frank; COOK, Roy T.; MESKIN, Aaron (eds.). *The Routledge Companion to Comics*. Oxford: Routledge, 2017. p. 106-115.
- LESSA, Fábio de Souza; ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de. Discurso e representação sobre as espartanas no período clássico. *Synthesis*, v. 24 n. 2, p. 1-10, 2017.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Intertextualidade*. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2014. p. 288-289.
- MALERBA, Jurandir. *Notas à margem: teoria e crítica historiográfica*. Serra: Editora Milfontes, 2018.
- MARTINDALE, Charles. Reception. In: KALLENDORF, Craig W. (ed.). *A Companion to the Classical Tradition*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 297-311.
- _____. *Reception – a new humanism?: Receptivity, pedagogy, the transhistorical*. *Classical Receptions Journal*, v. 5, n. 2, p. 169-183, 2013.
- RAMOS, Paulo. *A leitura de quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- SCHODT, Frederik L. *Inside the Robot Kingdom: Japan, Mechatronics, and the Coming Robotopia*. Tokyo; New York: Kodansha International Ltd., 1988.
- _____. *Dreamland Japan: writings on modern manga*. Berkeley: Stone Bridge Press, 1996.

SILVA, Glaydson José da. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

SUPANEEDIS, Supawan. Muscular Manga of the 1980's: The Creative Process Influenced by Western Art and Cultures. *Theses* (Master's degree in Art Theory) – Silpakorn University, Painting Sculpture and Graphic Arts, Bangkok, Thailand, 2020.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2008.

VARGAS, Anderson Zalewski. Charles Martindale: a recepção da Antiguidades e os estudos clássicos. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). *Como se escreve a História da Antiguidade: olhares sobre o antigo*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2021 (versão epub).

VERGUEIRO, Waldomiro. Aspectos a considerar na redação de textos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos. In: _____. *Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Criativo, 2017. p. 113-159.